

COMMERCIO DO MINHO

3.º ANNO 1875

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 403

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE
ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 13600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 23400 rs e sendo duas 43000 rs.—Semestre 13250 rs.—Brazil, anno 43400 rs.—Semestre 23300 rs. moeda forte; ou 105000 reis e 53500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 30 % d'abatimento.

BRAGA — SABBADO 2 DE NOVEMBRO

Damos abaixo a carta que D. Carlos acaba de dirigir aos legitimistas francezes, documento digno de ser archivado, e meditado.

Agora que a imprensa liberal de todos os matizes não cessa de apregoar com desvanecimento a proxima extincção do carlismo, é grato escutar as corajosas palavras do rei, que promete cumprir a sua missão até ao fim, sem hesitação e sem desalento.

«Prometti matar a revolução: a revolução ha de morrer»—diz elle ao terminar a sua carta. Affirmação solemne, que os factos até hoje decorridos, desde o começo da actual guerra, sancionam d'um modo eloquente e irrefragavel.

Quem diria que o brado erguido por um punhado de homens, sem recursos de qualidade alguma, havia de ecoar por todo o vastissimo paiz de S. Fernandó, e que ao redor do tabaro por elles hasteado, em breve se agglomerariam milhares e milhares d'homens, só induzidos allí pelas suas crenças fervorosas e ardente patriotismo?

Carlos VII, pois, desempenhará a sua promessa, matará a revolução: porque, quem pugna pela causa de Deus e da sociedade, não póde ser vencido.

Oicamos as eloquentes palavras do Representante da Legitimidade, na Hispanha:

«Aos meus amigos de França.

«Com os olhos fitos n'essa nobre terra de Hispanha, fatal a todos os erros, seguia com ansiedade as peripecias da luta a todo o transe, que eu travei com a revolução. As vossas sympathias, e os receios que poderiam inspirar-vos as mentirosas noticias espalhadas com profusão pela impotencia e pelo despeite, impõem-me o dever de dissipar as vossas duvidas e de vos tranquilisar».

Campeão da fé catholica e do direito monarchico, hoje o unico em armas para defesa d'esses principios essenciaes de toda a sociedade christã, sou, de facto, o mantenedor das reivindicações legitimas, e a realisação das vossas esperanças está intimamente ligada com o exito da minha empresa.

Esta grande missão que eu acceitei da mão de Deus, hei de cumpril-a até ao fim sem hesitação, sem compromissos, sem desalento. O meu povo esta commigo, prompto para todos os sacrificios, resignado a todos os padecimentos.

Aquelles que eu poude armar estão de pé, supprindo a inferioridade do numero pelo seu impeto e a sua coragem, que, a maior parte das vezes prendem a victoria ás nossas bandeiras. Os outros esperam espingardas para se levantarem em massa e decidirem, n'uma rapida campanha, a sorte da guerra pelo aniquilamento do exercito inimigo, que temos vencido e que precisamos destruir.

Todos fizeram de antemão o sacrificio do seu bem estar e da sua vida á victoria das suas crenças e das suas convicções.

Vinde visitar estas provincias e avaliar por vós mesmos os resultados certos d'esta cruzada que eu empreendi a exemplo e invocando o santo nome de um dos meus antepassados.

As devastações commettidas a sangue frio por ordem da realza revolucionaria, hão de excitar a vossa indignação, e os rastros fumegantes do incendio hão de dar testemunho, perante todos, da impotente raiva dos nossos léros adversarios.

O entusiasmo das nossas populações e o ardor dos nossos soldados hão de despertar a lembrança longiqua da legenda vendéana, e nas provincias sujeitas ao

meu dominio encontrareis a organização civil e militar, que eu desejo applicar, para seu bem, ao resto da Hispanha.

Contribuireis para que todos me conheçam, e a opinião publica, sempre justa quando se esclarece com as luzes da verdade, poderá d'ora em diante apreciar mais imparcialmente do que até agora o tem feito, a situação do paiz, os meus atos e as minhas intenções.

Os acontecimentos precipitam-se. A revolução cosmopolita desencadeia contra mim todas as suas violencias.

Nada receio. Um Bourbon nunca falta á sua palavra; prometti matar a revolução; a revolução ha de morrer.

Pedi a Deus que me proteja, como eu lhe peço que vos guarde.

Carlos.»

REVISTA ESTRANGEIRA

Hispanha.

As unicas noticias d'importancia que lémos nos jornaes, são as que seguem, transcriptas do órgão official carlista.

Estella 24, ás 11 horas e 30 minutos da manhã.—A divisão biscainha acaba de alcançar outra brilhante victoria.

O inimigo com numerosas forças atacou a 22 e 23, a nossa linha de Valmaseda, resolvido a apoderar-se d'este ponto.

As nossas baterias fizeram um acertado fogo, contra as do inimigo, particularmente contra a estabelecida na Penha de S. Miguel, á qual fizeram calar os fogos.

A infantaria soffreu tambem muitissimo.

El-rei, como general em chefe, dirige todas as operações militares, enviou com marchas forçadas dois batalhões, pela parte de Arniega, com ordem de se postarem em Orrantia e Artieda, flanco direito do inimigo, por onde este, em vista da escassez das nossas forças pretendia envolver a nossa esquerda.

Este movimento tão habilmente disposto por S. M., deu os mais brilhantes resultados, pois obrigou no dia 23 o inimigo a abandonar todas as suas posições, retirando-se para as suas linhas dos valles de Losa e Mena. Se o não fizesse soffreria uma completa derrota.

As nossas forças dormiram nas suas linhas, na noite d'este dia.

E' esta a terceira ou quarta victoria alcançada pelo general Carasa na linha de Valmaseda.

—Estella 24, ás 4 horas e 13 minutos.—São inumeras as ovações que S. M. recebe d'este povo, sempre entusiasta. Quando sae para a missa ou passeio, todos o rodeiam, disputando a honra de lhe beijar a mão.

Foi visitado pela ex.^a Deputação, corporações militares, civis e ecclesiasticas, e familias distinctas, residentes aqui, com quem repartiu as suas horas de audiencia.

—Parece que Dorregaray se acha encarregado do commando em chefe do exercito do norte.

Mendiri, que os jornaes affonsinos deram internado em França, acha-se no norte; Saballs na Catalunha.

Diz o telegrafo que Martinez de Campos vae começar as operações na Catalunha, havendo-se dirigido a Gerona.

—Crê-se que Saballs enviou uma carta ao general Martinez Campos, dizendo-lhe que conservará, como refens certos prisioneiros, para os trocar por Lisarraga e o prelado de Urgel.—(Agencia Havas).

NOTA DE MONS. SIMEONI AO EPISCOPADO HISPANHOL

Sobre este assumpto começamos hoje a transcrição do seguinte escripto do illustado correspondente de Madrid para a «Palavra».

E' um documento importantissimo que deve registrar-se, porque a delicada materia que versa está tractada magistralmente pela bem aparada penna do grande escriptor.

Disse eu na minha ultima que era preciso um extenso capitulo para tractar da questão da nota transmittida pelo Nuncio de Sua Santidade n'esta córte ao episcopado hispanhol e vou dedicar-lho hoje, porque são multiplices e de indole grave algumas das reclamações n'ella formuladas, hão de prestar-se a muitos e transcendentes debates e quem sabe se a coisa de maior monta do que a discussão, e tanto se vocifera e de tal modo procura extraviar-se sobre estes assumptos o espirito publico, que não é estranho que os estrangeiros duvidem, pois nós mesmos vacillariamos se não tivéssemos consciencia de nossa opinião e certeza dos factos.

Primeiro que tudo convem que este caminho fique desembaraçado de duas observações prévias, a saber: a do direito que tem a ver a luz publica o documento que já conhecemos todos, e a da natureza d'esse mesmo documento, observações que em ultima analyse se reduzem a sustentar como sustentam os revolucionarios que Mr. Simeoni não devia entregar á publicidade o documento de que se tracta e que a córte pontificia procedeu n'este ponto com grande leviandade porque rompeu a reserva usada nas negociações diplomaticas, e porque se deu á luz um documento que envolve um mandado para os catholicos hispanhoes.

Em primeiro logar convem recordar que os periodicos ministeriaes, começando pela «Epoca», o mais caracterizado d'elles, disseram por sua conta e de um modo semi-official que a corte romana admittia o famoso artigo do não menos famoso projecto de constituição que consignava mais ou menos abertamente o principio da liberdade de cultos, leviandade de que, pelas consequencias que produziu, era ante-hontem accusado o citado periodico por um seu collega. Essa noticia absurda e epontanea que, sem mais dados do que o meu criterio, me atrevi em tempo a negar, era, como depois se viu, uma grosseira trapaça destinada a illudir a opinião afim de que duvidassem os defensores da unidade catholica e não continuassem a lutar para alcançar o triumpho de tão importante principio, e tanto se esforçavam os livres-cultistas por conseguir aquelles objectos que, julgando-se vencedores, desafiavam os revolucionarios, sistema que até ha pouco seguiram, a que manifestassem as razões em que apoiavam a sua pretensão depois de outorgada a tolerancia pela Santa Sé e qualificando-os de mais papistas do que o Papa e de quererem mostrar-se mais catholicos do que o venerando Chefe do Catholicismo. Não se deu este caso e por isso omitto as razões em que os unitarios de Hispanha poderiam apoiar a sua pretensão ainda depois de consentido pela córte de Roma, bem contra o seu desejo, o estabelecimento do livre-culto, sem por isto serem desobedientes ao Vigarrio de Christo na terra; mas se se desse este triste accidente, mostrar-se-ia que taes razões são muitas e de grande peso.

Voltando porém ao ponto cardeal d'esta parte da contenda, demonstra-se pelas datas das publicações, que, se existia isso que se quer chamar violação do segredo das negociações, a violação parte dos que,

fundados em uma esperança, (e com isto lhes faço muito favor, pois tudo revela que inventaram uma noticia para terem o praser de comental-a e deduzir consequencias a seu sabor), deram á luz o que pertencia ao segredo das negociações, e não certamente de quem em legitima defesa e para responder aos que se atreveram a attribuir-lhe opiniões que em parte alguma consignara, se viu na dura necessidade de publicar a sua resposta afim de que ninguem podesse ser enganado e todos soubessem a que deviam ater-se.

Por outra parte não ha principio algum de direito publico internacional que ordene esse inquebrantavel segredo das negociações que é apenas um costume constante das chancellarias por convir a todos que se guarde reserva até que os pactos sejam ajustados para evitar difficuldade que possam estorval-os em seu desenvolvimento e terminação e discussões publicas que só conduziriam a pôr obstaculos; e, ainda dado e não concedido que o houvesse, temos em conta um facto recente de grande transcendencia que a ninguem escandalizou e até applaudiram os mesmos homens e os mesmos periodicos que hoje censuram o gabinete pontificio, ou pelo menos o seu representante em Madrid.

Antes de rebentar a guerra franco-prussiana, e de se ter dito a ultima palavra no terreno das negociações, o gabinete de Berlim deu á estampa quantos documentos quiz, pretendendo demonstrar a razão que no conflicto lhe assistia, proceder que foi imitado pelo governo francez, sem que ninguem se lembrasse de qualificar o facto de escandalo; mas isso succedeu talvez porque então se tractava de dois poderes fortes e agora se tracta d'um que carece de exercitos e canhões, o que hoje é tido muito em conta, apesar de tanto se fallar de justiça, e se aquelles gabinetes tinham tal direito, tambem o tem o do Vaticano.

Porém o melhor do caso é que se ignora quem entregou á publicidade a nota que hoje serve de pasto a todas as conservações, pois o Nuncio ao communcal-a aos prelados fal-o só para seu conhecimento e para que lhes sirva de regra de proceder, a inserção não se fez em nenhuma boletim ecclesiastico, que são os órgãos dos bispos e sim em folhas politicas, e os prelados que tem feito menção do assumpto limitaram-se a diser da cadeira do Espirito Santo aos fieis que o Summo pontifice continuava sustentando a opinião de que devia restabelecer-se em Hispanha a unidade religiosa, sem dar sequer leitura do documento em que constava o facto, mencionando-o unicamente para que os catholicos dentro do direito que as leis lhes concedem se esforçassem por fazer triumphar aquelle principio; de sorte que se a nota viu a luz na sua integra deve attribuir-se a entrega de sua cópia a alguém que não é o representante da Santa Sé nem os bispos que a possuem, e por isto as folhas ministeriaes culpam aos que denominam neo-catholicos (leia-se catholicos sem neo), não attendendo a que esses taes não podiam possuir o documento sem que alguma pessoa muito chegada aos centros em que estes se guardam facilitasse uma cópia, pois os chamados neo-catholicos estão hoje fóra dos postos officiaes.

Disse eu mais acima que era necessario fixar a natureza do documento, causa de tanta controversia, porque não falta periodico revolucionario que falle com grande seriedade de delicto commettido pela publicidade de um documento emanado da córte pontificia que se dá á luz sem o *regium exequatur*, e esta affirmação envolve uma insigne má fé ou uma ignorancia sopina e inconcebível em quem

pretende dirigir isso que se chama a opinião publica.

(Continúa)

GAZETILHA

Pão antigo.—Nos primeiros seculos da monarchia em França servia-se á mesa uma especie de pão em forma de prato, empregado para conter carne e outros alimentos. Depois de humedecido com o molho das cocidas ficava muito saboroso. Nas festas mais sollemnes, como a sagração dos reis, nunca faltava este pão. Na sagração de Luiz XII e Carlos IX fabricaram-se mais de mil duzias d'estes pães, que depois do banquete real foram distribuidos pelos pobres.

Nos seculos XII e XIII conheciam-se as seguintes especies de pão: do Papa, da corte, dos pobres, do Espirito Santo, do natal, das boas festas, o matinal, o feudal, etc.

A planta do chá.—Cultiva-se este precioso arbusto na China desde tempos immemoriaes. A origem d'esta cultura é attribuída por uma lenda chinesa muito popular ao seguinte:

Darma, príncipe religioso, adormeceu uma vez profundamente, não obstante o voto que tinha feito, de consagrar os seus dias e noites á contemplação divina, e entendeu que devia penitenciar-se d'este prejuizo, cortando as palpebras, e lançando-as á terra. Da metamorphose das palpebras em semente nasceu o arbusto do chá.

Foram os holandezes, que introduziram esta planta na Europa em 1610. Em França só foi conhecida em 1666, e pouco tempo depois na Inglaterra. Em Londres vendia-se cada arratel de chá por 60 libras esterlinas, mantendo-se este preço fabuloso até 1707.

Conta-se a seguinte anedocta a respeito da introdução do chá na Inglaterra. Em 1685, a viúva do duque de Monmouth enviou como presente para a Escocia a um seu parente um pacote de Chá. Como o uso d'esta substancia era ainda desconhecida, a pessoa que recebeu o presente entendeu, que o devia confiar ao seu cozinheiro, para lhe dar a devida applicação. A arte culinaria aconselhou o pobre homem a preparar estas folhas vegetaes como se fossem espinafres; e assim procedeu. O prato foi servido á mesa, e os convivas acharam comida deliciosa, devendo ser detestavel. Não admira, porém, este facto, porque o chá era um producto novo na Grã-Bretanha, e principalmente muito caro.

Commercio da chuchicea.—No «Jornal de Macau» de 28 de julho vem inserta a seguinte carta d'um missionario, pela qual se vê não se haver ainda extinguido d'aquellas paragens o infame commercio da chuchicea:

Illa de Houi-tsui, 25 de julho de 1875.
III^{mo} sr. LOURENÇO MARQUES,

Macau.

Sr. — Conhecendo eu vossa caridade christã, não hesito fazer-vos um appello a favor dos infelizes, aos quaes vós poderis prestar socorros. Eis o facto: Em 21 de maio p. p., nas paragens de Touquim, alguns piratas chinas captoraram um juncó annamita, tendo a bordo cerca de 80 christãos, e um missionario europeu. O missionario bem como todos os homens, e oito mulheres as mais idosas foram lançadas ao mar. As outras mulheres e creanças foram reservadas para serem vendidas aos chinas. Eu pude resgatar 19 d'ellas no porto de Pac hoy. Outros quatorze a saber: 12 raparigas e 2 rapazes de 10 a 15 annos tinham sido vendidos durante a travessia aos juncos de Macau. E' d'estes 14 christãos sobretudo de que se trata. Poderis vós mandar indagar fim de os encontrar? Com o auxilio divino poderis talvez salvar alguns d'elles. Como elles não sabem ainda a lingua de Macau nem a chioeza, será facil de os reconhecer, mostrando-lhes alguns objectos religiosos, como medalhas, escapularios, e fazendo-lhes o signal da cruz. Eu escrevo sobre o mesmo assumpto ao rev.^o Gouvea, rogando-vos de lhe enviar a carta.

Recommendo-me ás vossas orações, e ás de vossa boa familia e vos rogo de aceitar a expressão do respeito e do reconhecimento em que eu sou sr.

Vosso muito humilde creado,
G. M. DELAVAY.

Parece que as raparigas, que foram vendidas ás lorchas de Macau, eram destinadas para emigrar para California, Singapura e outros portos por via de Hong-Kong, onde a emigração de mulheres para essas partes se faz em grande escala, mas sob uma fórma aparentemente legal. Tem havido em Macau muitas queixas de roubos de mulheres para fazel-as emigrar por Hong-Kong, e é este um dos motivos pelos quaes nos quer parecer que será mais facil descobrir a pista d'este facto criminoso em Hong-Kong, do que em Macau, onde como se sabe, a emigração cessou de todo, e mesmo porque no tempo d'ella, nunca emigravam mulheres. —(Bem Publico).

Systemas das quarentenas.—Em virtude das decisões do congresso sanitaria que se reuniu em Vienna d'Austria no mez de julho do anno passado, trata-se de organizar de um modo uniforme o systema das quarentenas, por meio de uma commissão internacional permanente contra as epidemias, encarregada de estudar a origem d'ellas, e de indicar as medidas que deverem ser adoptadas para garantir os povos contra todas as molestias epidemicas.

A commissão será composta de medicos designados pelas potencias signatarias do tratado, que escolherão o presidente e demais membros que hão de constituir a mesa.

A commissão communicará directamente com os governos, e estes com ella, a fim de terem sempre conhecimento das occorrencias, e para facilidade da transmissão dos relatorios, consultas, etc.

As despesas com a commissão serão pagas em commun, e não excederão a 250,000 francos, pagos segundo a população, e a tonelagem da marinha mercante dos diferentes Estados. Para este fim dividir-se-hão as nações em tres categorias.

A primeira abrange seis Estados: Austria, França, Allemanha, Inglaterra, Italia, e a Russia, pagando cada um pela sua parte 31,038 francos.

A segunda é composta de quatro Estados: Hispanha, Paizes Baixos (comprehendendo o Luxemburgo) Suecia, Noruega e Turquia. Cada um d'elles pagará 10,784 francos.

A terceira comprehende nove Estados: Belgica, Dinamarca, Egypto, Grecia, Persia, Portugal, Romania, Servia, Suissa, contribuindo cada um com 2,293 francos. Total 250,000 francos.

Noticias de Macau.—Alcançam as noticias até fins de julho. Quando a China contrahiu o primeiro emprestimo publico, de tres milhões de taels ou cerca de 4:500 contos, a imprensa ingleza de Hong-Kong proclamou que o celestial imperio dera mais um passo no caminho do progresso. Agora o mesmo poderá dizer a respeito de Macau, a cujo governo o banco Hong-Kong & Shanghai, emprestou 176:000 patacas, ao juro de 10 p. c. ao anno, com hypotheca dos rendimentos publicos da colonia, e garantia do governo de Portugal, que afinal é quem o virá a pagar, pois cada vez são mais desanimadoras as circumstancias d'aquelle estabelecimento.

Alguns jornaes macaenses perguntam, porque não se effectou tal emprestimo na metropole, onde facilmente se conseguiria a 6 p. c., no actual prospero estado financeiro?

Aquella quantia dizem ser destinada para obras publicas; porém é muito provavel que seja em boa parte absorvida nas despesas correntes, porque o producto dos impostos diminue rapidamente, e são enormes os gastos com o funcionalismo, que é tão excessivo para as necessidades da colonia, que refere um dos ditos jornaes que seria sufficiente para a administração central da proxima provincia de Cantão, cuja população é de 36 milhões de habitantes. Eis os resultados dos abusos ha longo tempo accumulados d'alguns governadores, e tambem d'alguns ministros do ultramar.

Apesar da prohibição do trafico dos coolis ou emigrantes, continuam os abusos e violencias para fornecer a emigração chamada livre, ou sem contrato de colonia, que se faz por Hong-Kong. Em Macau e n'outras partes, tem havido para tal fim roubos de mulheres e houve agora conhecimento do seguinte honroso facto, por cartas escriptas pelo missionario Delavay aos srs. Lourenço Marques e ao governador do bispado.

Em 21 de maio ultimo, nas paragens de Touquim, alguns piratas chinas aprearam um navio annamita, que tinha a bordo 80 christãos indigenas e um mis-

sionario catholico europeu. Este, todos os homens e oito mulheres mais velhas foram lançados ao mar, morrendo afogados. O resto das mulheres e creanças ficaram reservadas para as venderem. Em Pac-hoy o dito missionario Delavay ponde resgatar 19, e já tinham sido vendidas 14 a juncos de Macau, onde em consequencia d'este aviso se faziam diligencias para as descobrir, mas suppunha-se que teriam ido para Hong Kong, d'onde agora levam muitas mulheres para a California, quasi todas para a prostituição; o que apesar de tudo nunca se fez em Macau publicamente.

Nos ultimos numeros do «Jornal do Commercio», de Lisboa, tem vindo e promete continuar, uma interessante correspondencia do sr. Pedro Gasião Mesioier, ácerca do estado de Macau, e dos alvitres para o melhorar. Este cavalheiro alli serviu durante o governo do sr. visconde de S. Januario, e possui muito conhecidas coisas do oriente. Quasi no mesmo sentido das ideias do sr. Mesioier, publica o «Independente» de Macau, um curioso artigo, para o qual pedimos a attenção do esclarecido sr. ministro da marinha, porque realmente a reclama o precario estado d'aquella colonia ou antes conquista, como diz o sr. Mesnier.

Caminho de ferro do Minho.—O movimento de passageiros e mercadorias pelo caminho de ferro do Minho desde o primeiro dia da exploração até 18 de setembro, segundo os mapps estatisticos formulados na respectiva repartição, foi o seguinte:

Passageiros de 1.^a classe 7:328, importancia dos bilhetes 5:553\$750 réis; 2.^a classe 18:198, importancia 9:419\$290; 3.^a classe 57 317, importancia 18:363\$960 réis.

Total dos passageiros 82 844 e da importancia das passagens 33:337\$000 réis.

Grande velocidade: importancia do transporte de bagagens e mercadorias réis 1:236\$930, de carruagens e gado 21\$370; de diversos volumes 867\$210. Pequena velocidade: importancia de transporte de mercadorias 2:998\$450; de carruagens e gado 83\$650; de diversos volumes 26\$980; receita eventual 2:603\$635 réis. Total de toda a importancia desde a abertura do mesmo caminho 41:174\$223 réis.

A média por dia durante o exercicio em toda a linha tem sido de 514\$671 rs. São explorados actualmente 54 kilometros.

Incendio de propriedades.—Nas immediações de Oliveira do Bairro houve ha 8 dias dois incendios no caminho de ferro que communicando-se aos predios confinantes, queimaram oliveiras e outras arvores, mato, vinhas e medas de palha, abrangendo uma grande área. —(«C. das Provincias»).

Brazil.—O diario official d'este imperio publica a «cannistia» concedida aos bispos do Pará e de Olinda e aos governadores d'aquelles bispados.

Dando a liberdade aos bispos, o governo brasileiro fez o seu dever; foi um acto de justiça, uma homenagem á verdade, e não acto de generosidade, porque não houve crime. Não queremos julgar temerariamente dos motivos que levaram o governo a reintegrar os bispos ás suas dioceses. Basta saber que houve representações de milhares de assignaturas a pedirem a soltura dos bispos. E' de crer que tivessem peso no governo.

No parlamento foi approvada a reforma eleitoral. Quanto mais reformam, deformam. Se procedessem á reforma moral, adiantariam mais, diz o «Bem Publico».

Anedocta.—José Correia Soute Maior serviu muitos annos a el-rei D. Pedro II na qualidade de seu guarda-roupa. Uma manhã disse-lhe el-rei—José Correia, são horas de almoçar; mas antes manda que me tragam agua e sementes para lavar as mãos—O guarda-roupa foi logo correndo á porta do quarto, e gritou para o repositorio de serviço—Ouviu; vá já á cozinha, e tragam depressa agua com farellos, que quer el-rei almoçar.

Um individuo de curta intelligencia achou uma inscripção em letras de bronze sobre certo monumento antigo. Desejoso de saber o que significava a inscripção, tirou as letras, mettu-as n'um cesto, e mandou-as a um archeologo seu conhecido para decifrar o enigma.

Perguntando a quem a estrangeiro, qual era geralmente a estatura dos seus compatriotas, respondeu elle sem hesitar—Os meus patricios ordinariamente têm quatro pés.

Fallando outro estrangeiro ácerca dos nossos poetas, disse com enthusiasmo diante de muita gente—Por fim de contas Bo-

cage sempre foi o maior *satyro* dos seus poetas.

—A' espera da missa conventual estava no adro da igreja um grupo de rapazes. Entre elles havia dous, um com o calçado roto, e outro com o casaco roto nos cotovellos. Este ultimo quiz metter a ridiculo o primeiro, e perguntou-lhe—De que se está rindo o seu sapato? Do seu cotovello, respondeu promptamente o agredido. Immensas risadas app'audiram esta resposta tanto ao pé da letra.

—Conta-se, que um Joudo andava antigamente pelas cidades de Italia esfarrapado e quasi nú, trazendo ás costas uma porção de panno com que se podia vestir, e ainda lhe sobrava se mandasse fazer um fato. —Porque te não vestes, tendo esse panno?, perguntavam-lhe—Porque estou a ver em que param as modas, respondia elle. Esta anedocta é um chistoso epigramma á mania das modas.

—Um dia contavam uma senhora o perigo que tinham soffrido, em consequencia de se lhes ter quebrado a carruagem voltando de um passeio ao campo. Um cavalheiro que estava presente declarou que em semelhantes crises era necessaria muita presença de espirito para não augmentar o perigo. —Parece-me, disse uma das senhoras, que em tal caso antes a ausencia do corpo do que a presença de espirito.

—Um sujeito ficou mal com um visinho, seu compadre, sem que para isso tivessem occorrido motivos sufficientes. Este, que não estava resolvido a dar importancia a semelhante malquerença, cumprimentava sempre o outro quando o encontrava, dirigindo-lhe as seguintes palavras— Adeus compadre de um anjo—E vós de um burro, respondia-lhe o outro.

—Querendo um certo individuo rir á custa de outro que não passava por muito esperto, disse, no momento de o apresentar n'uma sala: — Meus senhores, tenho o prazer de lhes fazer conhecer o sr. Fulano, que não é tão asno como parece. Ao que este immediatamente respondeu.—E' essa a unica differença que ha entre nós ambos.

—Um cabo de esquadra, que commandava uma guarda, dirigiu a seguinte participação ao seu chefe. — No districto da minha guarda appareceu um corpo morto nú: ignora-se quem seja, ainda que pela falla parecia ser inglez, e tinha uma navalha na algibeira.

—Um militar, cujo nariz tinha sido cortado por um golpe de espada, deu uma esmola a um pobre, que lh'a agradeceu: dizendo: — Deus lhe conserve a vista —A vista porque? — Porque se o senhor precisar de lunetas, não tem onde as segurar.

—Um homem muito estúpido depois de mandar escrever uma carta ao seu secretario, ordenou que a lesse em voz alta, tapando-lhe os ouvidos com ambas as mãos, para elle não ouvir o conteúdo.

—Dois viajantes casados descaçaram em uma hospedaria. Um inglez occupava o quarto contiguo. Alta noite ouviram os conjugues um barulho que os assustou. — Não ouviste? disse a mulher ao marido. Não é nada; é o visinho que resona. — Não pôde ser—Não teimes mulher; parece-te outra cousa, mas é porque o homem resona em inglez.

—Um cura d'almas a ensinar doutrina, perguntava a um rapazito—Quantos sacramentos ha? — Ha só seis? — Só seis? — Sim, senhor cura: o papá ensinou-me, que o matrimonio e a penitencia não formavam mais que um.

—Em um cartaz, que annunciava a representação de um drama tenebroso, em uma terra de provincia, lia-se a seguinte nota em letra grande—Os papeis de ladrões serão feitos por curiosos cá da terra.

—Qual é a mulher que nunca faz o que diz? Perguntava certo individuo a outro—E' a que jura que nunca hade amar, ou a, que diz que hade amar eternamente, respondeu o outro.

—Prégando um padre o sermão da resurreição em um convento de freiras, disse virando se para o coro—Quereis saber, amadas ouvintes, a razão por que Jesus Christo, apenas resuscitou logo appareceu ás santas mulheres? Foi para que a noticia se espalhasse mais depressa, e fosse logo sabida por toda a gente.

DECLARAÇÃO.

Por motivos particulares, e cedendo a instancias d'alguns cavalheiros, não continuo, n'este jornal, a polemica encetada com os dois asseirões M. Neves, Roque

HOSPEDES

Na rua do Farto n.º 3 recebem-se estudantes de cama e mesa por preços commodos, bem como hospedes sem que sejam estudantes mas nas mesmas condições. (2724)

MUDA

Bernardino Fernandes, alfaiate tanto de roupa ecclesiastica como secular, morador que foi no Paço Archiepiscopal, faz sciente aos seus freguezes e amigos, que mudou a loja do seu trabalho para a rua do Forno, n.º 14.—Braga. (2722)

TABACARIA BRACARENSE

DEPOSITO DE CHARUTOS HAVANOS

Chegou a esta casa a marca especial

FLOR DO CHIADO

PAPEIS DE ARRENDAMENTOS IMPRESSOS

Vende-se na Tabacaria Bracarense. (2686)

Banco Commercial, Agricola e Industrial de Villa Real.

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada.

A gerencia annuncia aos snrs. accionistas possuidores de titulos provisorios das accões d'este Banco com os numeros comprehendidos entre 1 e 1001, e que apresentaram declarações da fórma porque lhes deviam ser passadas as suas accões que podem sollicitar-as nas agencias do Porto, Braga, Vianna e Caminha, onde lhes serão entregues em troca dos referidos titulos provisorios.

Aquelles dos snrs. accionistas que possuem titulos provisorios de numero superior a 1001, e que declararam como queriam passadas as suas accões, brevemente serão convidados a entregar n'aquellas agencias os referidos titulos em troca das accões definitivas.

Banco de Villa Real 24 de setembro de 1875.

Os Gerentes

Joaquim José d'Oliveira Guimarães. João Pinto Ferreira. (2715)

L'illustration de la mode. O mais elegante, ricamente illustrado e barato dos jornaes da moda.

Publica-se em Paris uma vez por mez, no formato dos grandes jornaes illustrados.

Cada numero contém dez a quinze modelos de toilette, uma grande folha de modelos de tamanho natural e uma magnifica gravura colorida.

Quem quiser assignar esta publicação, dirija-se á livraria de Eugenio Chardron, largo de S. Francisco.—Braga.

A empresa offerece aos seus assignantes um magnifico cofresinho contendo tudo o que é necessario para um toucador e cujos objectos valem para cima de 20 francos.

Preços d'assignatura—Portugal: sem o referido brinde—9 fr. Com o brinde—13 fr.

NOVA FUNDAÇÃO DE FERRO

DE

Antonio Germano Ferreirinha

NA

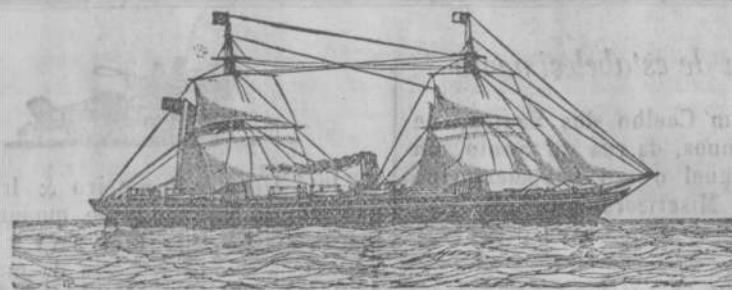
Travessa de S. João

Aonde faz toda a obra, assim como bombas, conçoilas, columnas para gaz, pezos novos, panellas á ingleza de todos os tamanhos, canos para agoas e gaz, e toda a obra de fundição, como grades para sacadas, obra de metal, sinos e outros objectos de igual teor etc., pelos preços do Porto.

ALUGA-SE

Uma casa feita de novo, sita na rua das Agoas, n.º 91. Trata-se na rua dos Chãos n.º 13.

Póde vêr-se das 10 horas da manhã, até á 1 da tarde. (2694)



COMPANHIA REAL INGLEZA

DE PAQUETES A VAPOR CARREIRA QUINZENAL

Paquetes a sair de Lisboa:

GUADIANA 29 de Setembro	ELBE 13 de Novembro
DOURO 13 de Outubro	MINHO 29 de "
MONDEGO 29 de "	NEVA 13 de Dezembro

O paquete de 13 toca em S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos-Ayres.

O paquete de 29 toca em S. Vicente, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos-Ayres.

Os preços são muito razoaveis

Esta companhia para maior vantagem, resolveu ter a bordo de todos os seus vapores, criados e cosinheiros portuguezes para servirem os passageiros de todas as classes, cujo tratamento se torna hoje o melhor possivel. Cada passageiro de 3.ª classe tem gratis, belixe com colchão e roupa de cama, vinho e comida á portugueza, tudo em abundancia. O transporte do caminho de ferro até Lisboa é por conta da companhia bem como outras despesas.

Para mais esclarecimentos prestam-se em casa do agente n'esta cidade, rua do Souto n.º 43.—Em Braga.

João Manoel da Silva Guimarães. (V*)

Carreira semanal



A's quartas feiras

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR DO PACIFICO

Rio de Janeiro, Montevideu, Buenos-Ayres, Valparaiso, Arica, Islay e Callao

CARREIRA QUINZENAL PARA PERNAMBUCO E BAHIA

A Companhia reduziu os preços, conservando as mesmas vantagens com o até aqui tem offerecido aos snrs. passageiros: excellentes commodos, bom tratamento, bastante espaço para bagagens e viagens rapidas, pois que os Paquetes do Pacifico tem gasto sómente 13 dias de Lisboa no Rio de Janeiro.

Preços das passagens incluindo o caminho de ferro do Porto para Lisboa

	3.ª CLASSE	2.ª CAMARA	1.ª CAMARA
Pernambuco	40\$000	81\$000	108\$000
Bahia	40\$000	90\$000	117\$000
Rio de Janeiro	45\$000	90\$000	121\$500
Montevideo e Buenos-Ayres.	54\$000	90\$000	137\$500
Valparaiso, Arica, Islay e Callao	126\$000	189\$000	308\$500

Crianças dos passageiros

Até aos 12 annos meia passagem. Até aos 8 annos a quarta parte. Até aos 3 annos gratis, uma só de cada familia.

Todas as terças feiras sahirá de Lisboa um paquete, os passageiros de 3.ª classe teem belixe com colchão e roupa, comida á portugueza em abundancia e vinho duas vezes por dia

AGENTES EM BRAGA—Almeida & Pereria.

Trata a passagem a pagar á vista e a prazo com fiança. (K*)

ARMAZEM DE VINHOS

DO ALTO DOURO

DA

CASA DE VILLA POUCA

RUA DO SOUTO N.º 15

BRAGA.

Acaba de ser sortido este armazem com as seguintes qualidades de vinhos engarraçados e aquartilhados:

ENGARRAFADOS

Vinho tinto de meza.	150
» » » » »	190
» Lagrima	200
» Branco de meza.	210
» tinto de meza fino.	270
» de prova secca.	300
» Malvasia de 2.ª	360
» » velho.	400
» Bastardo	500
» Moscatel	500

» Malvasia	500
» Roncão	700
» Alvaralhão.	56
» Velho de 1834	600

A RETALHADO

Vinho para meza 50 e 80, o quartilho tinto e 120 o branco.

Responde-se e garante-se a pureza e boa qualidade de todos estes vinhos, podendo todo e qualquer consumidor mandalo experimentar por meio de qualquer processo chymico.

N'estes preços não fica incluido o valor da garrafa que o comprador apresentará ou pagará 50 reis por cada uma. (N*)

Francisco José da Cunha

Com loja de caldeireiro

Rua de S. Vicente, n.º 100—Braga

Vende Caldeiras, Taxos, Bacias, Chcolateiras, alambiques, e mais objectos de cobre, pertencentes ao seu estabelecimento, por preços commodos. (2689)

MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS, N.º 5.

Vende cimento romano para vender aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade. (2584)

MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS, N.º 5.

Vende olio, tintas e vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e preços muito resumidos.

MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS, N.º 5.

Vende papeis pintados para guardar salias, lindissimos gostos, a principiar em 80 reis a peça.

DOCTOR IN ABSENTIA

O professor em artes, letras e sciencias, membro do clero e magistrados, todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra). (T*)

EMPREGADO

Precisa-se de um empregado para escripturação commercial. Quem estiver nas condições, dirija-se ao campo de D. Luiz 1.º n.º 5 e 6. (2706)

RIO DE JANEIRO.

A sahir de Lisboa

Passagens a preços reduzidos. Caminho de ferro gratis.



A barca «Lisboa» de 1:200 toneladas, com espaçosa camara de ré para passageiros de prôa, vae sahir com brevidade.

Os snrs. passageiros que quizerem aproveitar o ensejo de seguir n'este excellent navio, queiram dirigir-se ao escriptorio de Soares & Irmão, Praça de Santa Theresa, n.º 47.—Porto. (U*)

João Manoel da Silva Guimarães.—Rua do Souto n.º 43.

Compra e vende Accões de todos os Bancos e Companhias, Inscriptões de Assentamento e coupons. (X*)